

D U E T O H E A R T S T R I N G > L I V R O I

LIV ZANDER

COROA-ME MORTA

Tradução de
Rita Fonseca



ALQUIMIA

Para os meus leitores...

Conheço o chão frio a que pertence o que foi quebrado,
Já fui essa ruína, dispersa e abandonada.

Fui o mosaico, colado às cegas na escuridão,
Reconstruída de forma errada, sem centelha.

Mas reduzi as ruínas a cinzas para construir algo de novo,
Uma fortaleza de ossos que a escuridão não pode atravessar.

Toma! Recebe este fragmento da verdade que encontrei,
Para te ajudar a reergue do sangue no chão.

*Pega nele e refaz o que foi destruído pela praga,
Até que cada pedaço se encaixe em ti, finalmente, no seu lugar.*

CAPÍTULO UM

UM CONSELHO DE PRUDÊNCIA



Este é um romance de fantasia **sombria**, contém situações que podem deixar alguns leitores desconfortáveis. Podes visitar o site www.livzander.com para mais detalhes, ou contactar-me diretamente! info@livzander.com

CAPÍTULO DOIS



Elara

Amortalhamos os mortos com as mãos firmes e com a boca fechada, porque os vivos gemem e gritam o suficiente por todos. A Mãe e eu levantamos o velho do colchão. O Daron segura a lamparina de óleo na curva do braço, o cabelo castanho-escuro despenhado de uma noite agitada, a fingir que a ponta do dedo anelar não lhe faz falta. Sempre a fingir, porque é assim que gostamos de nos enganar a nós próprios – se não olhares para a podridão, a podridão não te encontra.

Encontra-nos sempre.

– Ele é leve – digo, só para quebrar o silêncio, a afastar com o ombro aquela longa madeixa castanha que teima em colar-se à minha testa suada. – Ou morreu de fome, ou os vermes foram vorazes.

– Cala-te, Elara – murmura a Mãe, mas os seus olhos escuros cintilam com um sorriso escondido. Baços, cansados, mas belos à luz da lamparina. As rugas suavizam-se no brilho alaranjado. Coloca o ombro por baixo das costelas do cadáver. – As pernas.

– Estão seguras.

As pernas estão manchadas de roxo e negro, marmorizadas como carne estragada. Carrego o peso para a mesa, com cuidado para não sacudir

o queixo do homem. Ainda não o prendemos com arame, e não quero que a língua dele caia como uma posta de enguia apodrecida.

O Daron tosse por entre os dentes – do tipo silencioso que expressa dor. Não que o meu irmão mais novo alguma vez o admitisse, que se ergue sobre mim como um pinheiro, sem ainda ter sequer quinze anos.

– Não desmaies – provoco-o. – Ainda envergonhas o negócio de família.

– Partes-me o coração. – Ele bate dramaticamente no peito e pousa a lamparina. – Se desmaiar, será de tédio.

Ele inclina-se para me ajudar a tirar a camisa do velho por cima dos braços rígidos, os dedos hábeis, mesmo sem a ponta. Ontem perdeu outra unha. Enfaixou a ferida com linho e erva-cidreira, porque as mãos da Mãe tremiam quando lhe tocava e as minhas ainda tremiam mais.

A podridão encontrou o meu irmão mais novo.

É por tocarmos nos mortos todos os dias, dizem alguns. Mãos na terra, rostos na sepultura. No entanto, vi-a levar uma criança mal saída do útero. Um nobre que nunca sujou as botas. O carvalho à beira do rio que resistiu durante duzentos anos. Todas as colheitas dos Henner, que escureceram pela manhã.

Ninguém nos consegue dizer porquê. Ninguém nos consegue dizer como.

A Mãe dispõe as suas ferramentas: cordel, agulha, esponja, gancho de cobre, pequenas colheres para os olhos e a agulha injetora das mandíbulas. A mandíbula tem importância. Ninguém gosta de ver os seus mortos de boca aberta. Especialmente quando algo sai de lá durante a Última Vigília.

Ela pega no gancho e enfia-o suavemente na narina, partindo o osso delicado para que os fluidos pungentes escorram. – Daron, o balde.

O meu irmão mais novo passa-mo, com o nariz franzido pelo fedor nauseante, a olhar para mim para se distrair. – Tens uma coisa no cabelo.

– Ah, sim, a minha coroa. – Puxo o que parece ser uma teia de aranha ou um fio de uma viúva-negra e sacudo-o para o lado. – Pareço-me com alguém da realeza?

– Pareces um gato que levou com uma vassoura.

– Perfeito. – Despenteio-lhe o cabelo. Ele tenta esquivar-se, mas eu agarro-lhe uma mão-cheia. – Assim ninguém me rapta.

Ele refila, e eu rio-me porque a morte não vai ter a última palavra na minha vida. Não quando...

Os meus ouvidos ficam em alerta.

Um pequeno som, como... como tecido a deslizar sobre madeira. Não é a Mãe. Não é o Daron.

Viro a cabeça, mas não há nada no canto de onde veio. Apenas linho engomado, bem dobrado como línguas de fiéis num banco de igreja.

A noite já vai longa...

Volto a minha atenção para o homem, enfio alecrim e absinto na boca do cadáver. As ervas não fazem nada pelas suas pobres almas, mas as pessoas acreditam, e a crença vale ouro. Pelo menos, valia. Coloco um pouco debaixo da língua do velho e prendo-lhe a mandíbula com arame. O fio alinha-lhe os lábios, escondendo o esgar de dor que a morte deixou para trás.

Lá fora, o som das vozes eleva-se. Vidro a partir-se. Depois, silêncio. Um silêncio tão denso que parece que alguém deixou de respirar por uma migalha de pão. A cidade de Marrowbrae está cheia destes silêncios.

A Mãe pigarreia. – Olhos.

Moscas rastejam numa maré densa sobre os olhos encovados enquanto o Daron pega nas colheres. Ele é o melhor com olhos. Sempre gentil, sempre firme. Desliza-as sob as pálpebras encovadas com um toque tão suave que me dá vontade de chorar, e depois corta-lhes os cabos.

– Fazes isso bem – digo-lhe. – Se não estivesses a desfazer-te aos bocados, venderia as tuas mãos ao rei.

– Uma vida no palácio, não é? – Lança-me um sorriso atrevido. – Ainda pagam em ouro? Ou, nos dias de hoje, será em ossos?

– Dentes. Pintados para parecerem ouro. Morde um, e ele morde de volta.

Ele ri, baixinho. Os dedos tremem, mas ele esconde-o. Eu deixo-o.

Lavamos o corpo com água do rio fervida que cheira a cinza. O chão bebe o que escorre. Sangue. Bílis. Ele bebe sempre. Envolvemo-lo no sudário, prendemos o linho, colocamos malmequeres aos seus pés para que as moscas desapareçam.

Civilizados.

Fingimos que ainda somos civilizados.

Quando tudo está feito, o Daron inclina-se e lava as mãos no balde. A sua respiração sibila, o cinzento que lhe rasteja pelas pontas dos dedos piora a cada dia. Quanto tempo até termos de voltar a cortá-lo? Quanto tempo até a podridão atingir o seu coração?

O peito aperta-se-me.

Não quero perdê-lo.

– Vais ficar bem – digo, embora a pressão repentina atrás dos olhos me diga o contrário. A pele dele tem aquele aspeto fino, como pergaminho demasiado esticado sobre uma moldura. Conheço aquele aspeto. Já o vi em moribundos, nos rapazes que trouxeram a avó atada como uma peça de carne. – Não vou deixar que os vermes te levem.

Ele sorri e endireita-se. – Não és tu que decides isso.

– Oh, decido pois! Só uma palavra minha e o...

– Blasfémia – interrompe a Mãe. – Uma falta de respeito pela morte.

– Se a morte quer o meu respeito, devia enviar comida em vez de sermões. – Beijo a ligadura enrolada no dedo do meu irmão e cuspo nela. – Para dar sorte.

Ele ri-se. Ótimo. Vou guardar o riso dele até que a morte não consiga descobrir de onde vem.

– A seguir vamos à *Gutter Lane* – diz a Mãe quando terminamos o trabalho, apressando-nos a recolher as nossas coisas para que os entes queridos do homem possam chorar por ele. – Quero que este último fique tratado antes que o sol comece a aquecer as larvas.

Saímos para o beco da cidade, o hálito pestilento a soprar-nos na cara. Fétido. Doce. Um guisado de pedra molhada e ossos cozidos. Algures, uma mulher canta para uma criança que não reage. Apressamo-nos, mas não corremos. Não vale a pena, a podridão é sempre mais rápida.

Dentro da casa de *Gutter Lane*, o rapaz que veio buscar-nos antes está sentado nos degraus, abraçado aos joelhos. Os cantos da boca estão em carne viva. Provavelmente de tanto gritar.

– Onde está o teu pai? – pergunto.

Abana a cabeça, a grenha loira empastada de meses de sujidade.

– Irmã? Avó? Tio? – Outro abanar de cabeça.

Cerro os dentes, mas disfarço com um bocejo. Se rangesse os dentes sempre que encontrasse um órfão nesta cidade, não me sobrava um para mastigar.

– Vamos para dentro – digo gentilmente. – Seremos rápidos.

Ele olha para a Mãe. Olha para mim, os olhos azuis arregalados de expectativa. Dizem que as pessoas costumavam recuar quando os coveiros chegavam. Agora, olham para nós como um homem sedento olha para um copo de água fresca, ansiosos por nos livrarmos dos mortos que se amontoam nas ruas.

A mãe dele jaz estendida no chão. Morreu de exaustão, suponho, a julgar pela forma como o impacto deve ter rebentado as pústulas no rosto dela. Porque outra razão haveria salpicos de pus espalhados pelo chão, dispostos como uma auréola à volta da cabeça dela?

Trabalhamos. Nariz, maxilar, colheres.

Encho-lhe a boca, empurro as últimas ervas para lá da língua inchada, enterrando-as mais fundo.

A garganta dela convulsiona. Nós os três congelamos. O rapaz choraminga.

As ervas comprimem-se contra os dentes dela. Os nós dos meus dedos ainda estão dentro da boca da mulher quando um som húmido e borbulhante surge do fundo da garganta dela, espesso e espumoso, como uma criança a fazer bolhas no leite.

Depois vem a bílis.

Escorre-lhe pelo canto da boca, quente e castanho-esverdeada. Corre lenta e deliberadamente sobre os meus nós antes de pingar entre os meus dedos.

O Daron engasga-se, a cambalear para trás, com a mão apertada contra os lábios.

A voz da Mãe está tensa. – Às vezes, o corpo lembra-se de respirar.

Olho para o peito da mulher. A pele ondula. Um pulso sopro de ar move-se por baixo das suas costelas, como se os pulmões se agitassem para uma última birra.

Mas não é ar.

Algo escorregadio e pálido abre caminho entre os dentes dela. Uma larva. Depois outra, gorda e branca, contorcendo-se debaixo da língua dela. Caem molhadas na parte de trás da minha mão como pequenas pérolas de podridão que se contorcem e se enrolam.

O Daron vomita para um balde. O som é violento, salpica. Os ombros dele convulsionam e os joelhos batem contra o chão de madeira.

A Mãe pragueja, com a mandíbula cerrada. Eu continuo.

Limito-me a encolher os ombros. Limpo a bÍlis com um pano. Aperto as larvas, atiro-as para os juncos. Uma rebenta ao bater no chão, espalhando aquele cheiro a leite azedo a que toda a gente já devia estar habituada.

Reviro os olhos ao ver a Mãe fazer o sinal da cruz; enfio a agulha na linha, encosto-a aos lábios da mulher e costuro-lhe a boca. A linha fica direita, e o que quer que se contorça lá atrás já não é problema meu.

– Acontece – murmuro, principalmente por causa do Daron. – Larvas a devorar alguém por dentro antes de a morte terminar o trabalho. Já o vi duas vezes.

A única resposta dele é mais um vômito no balde.

Pobre rapaz.

Dou o último nó, corto o fio e limpo a mão ao avental. Olho para a Mãe. Ela devolve-me o olhar, pálida, mas firme.

Depois de terminarmos, lavo os fluídos da mulher morta das minhas mãos e olho para o rapaz magro. – O pagamento?

O lábio inferior dele treme. Ele tira dois botões brilhantes, um punhado minúsculo de arroz de um bolso e estende a mão na minha direção.

– Isso chega. – Envolver a sua mãozinha nos meus dedos, fecho-a em torno do seu tesouro e inclino-me para ele. – Leva isso para o orfanato junto ao rio. Não o que fica junto à capela; esses mandam-te embora. O que fica junto ao rio. Dá-lhes isso e eles dão-te de comer.

Pelo menos durante um mês ou dois. Ainda assim, é melhor passar fome rodeado de freiras que te vão dar a mão do que sozinho nesta barraca. Ou pior, lá fora, onde uma matilha de cães selvagens lhe arrancaria os membros esqueléticos.

Quando terminamos, lavo os pulsos até a pele arder. O espelho rachado por cima do lavatório mostra três Elaras. Todas magras. Pálidas.

Ainda sem podridão, pelo que consigo ver, mas quem sabe se a agitação no meu estômago é de fome ou de larvas.

Deixamos o corpo amortalhado para a Guarda até o irmos buscar mais tarde e saímos. Está ali um homem, encostado ao alpendre junto às escadas bambas, como se aquele lugar lhe pertencesse, os caracóis pretos e curtos demasiado brilhantes, uma bota de couro pousada displicentemente sobre a outra, demasiado limpa.

A Mãe passa por ele, exausta. O Daron nem se dá ao trabalho de olhar para ele.

Mas eu olho com desconfiança para aquelas bochechas demasiado rosadas para esta rua, os botões prateados polidos como se ainda comesse carne assada. Só um deles pagaria ao rapaz uma semana no orfanato do rio.

– Está com a família?

Ele arrasta os olhos verde-azeitona pelas minhas curvas como seda que quer estrangular. – Sim, porque não.

A minha pele estremece por mais do que apenas repulsa.

– Não é o meu tipo de negócio – digo e passo por ele enquanto olho para trás. – Mas aceitaria esse colete bonito como pagamento para te encher a boca e cosê-la.

Ele range os dentes. – A coroa precisa de ser alimentada. – Semicerro os olhos.

A coroa precisa de... O quê?

– Hum... sim... – Então é um bêbado. Ou um tolo. De qualquer forma, quem tem dinheiro para isso hoje em dia? – É melhor ires para casa e alimentá-la.

Assim que me viro para onde a Mãe e o Daron se fundem na escuridão, o homem inclina-se, a respiração dele a fazer formigar a concha da minha orelha. – Acho que a coroa adoraria devorar-te.

O meu pulso tropeça, mas respiro e recupero ritmo. Talvez sofra de um grave caso de arrogância por ser nobre ou algo do género. Imaculado. Claramente importante. Ou talvez coroa seja um eufemismo para o palácio, e ele tenha recebido ordens para encontrar uma jovem para entreter o nosso rei inútil durante uma noite?

Levanto o dedo do meio diante o seu rosto bonito e desço as escadas aos saltos. – A tua coroa pode engasgar-se com isto.

Ele ri-se. Baixo. Divertido. Satisfeito?

Estreito os olhos na penumbra da cidade, volto-me uma vez mais. O espaço está vazio. Silencioso. Apenas as larvas se remexem algures aos meus pés. E, por um momento, juro que elas também se riem.

CAPÍTULO TRÊS



Elara

O amanhecer nasce como um ovo podre – um amarelo doentio e com o cheiro a condizer.

Subimos o beco com os ombros doridos e os olhos colados de cansaço. A cerca do cemitério parece uma caixa torácica, com pontas de ferro coroadas de ferrugem. A nossa casa – dois quartos e um anexo – fica logo a seguir à fileira de lápides mais próxima. Há uma quietude que não é bem silêncio.

É mais como o sossego que se segue a um grito.

A Mãe para tão de repente que a minha anca acerta-lhe na cesta.

O Daron tropeça contra as minhas costas e apoia-se no meu ombro, mas a pressão é errada, leve demais, como se ainda estivesse ali, mas já meio ausente.

– O que é isto? – pergunta a Mãe. A nossa porta está entreaberta.

Aperto-lhe o ombro e avanço devagar. Ao empurrar a porta com dois dedos, ouço o respirar da sala.

Oh, não...

Cadeiras tombadas. O baú pequeno virado ao contrário. Tigelas no chão, uma partida, outra intacta por mero acaso. O gancho onde deveria